

Entrevista

**O estudo de elites para além de diagnósticos: entrevista com
Rodrigo da Rosa Bordignon**

Icaro Gabriel da Fonseca Engler¹
Charles Henrique Voos²

Recebido em: 05/10/2023

Aprovado em: 02/11/2023

As entrevistas, de modo geral, tendem a ser realizadas com intelectuais, professores, pesquisadores, etc. já consagrados, ou seja, com grande projeção. Assim, seus próprios nomes são o atrativo para a relevância da leitura. Nesse sentido, o convite para essa entrevista foi pensado, principalmente, pelo conteúdo que poderia ser produzido, podendo realizar um registro formal de várias conversas, discussões e questões compartilhadas que já tivemos. O resultado é extremamente rico, abordando questões centrais das Ciências Sociais, para além do debate em torno dos “estudos de elites”.

Professor adjunto do Departamento de Sociologia e Ciência Política, e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina, Rodrigo da Rosa Bordignon, possui Licenciatura (2008) e Bacharelado (2010) em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mestrado (2011) e Doutorado (2015) em Ciência Política pela Universidade Federal do

¹ Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil, e professor na Universidade Federal de Viçosa (UFV), Brasil. E-mail: icaro.engler@ufv.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6585-2357>.

² Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil. E-mail: charles.voos@fgg.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3170-744X>.

Rio Grande do Sul, com estágio de Doutorado Sanduíche (2013-2014) na École Normale Supérieure - Paris (ENS-Ulm). Tem experiência na área de Sociologia, atuando principalmente nos seguintes temas: sociologia dos intelectuais e da cultura; história das ciências sociais, sociologia do poder das elites.

No decorrer desta entrevista, Bordignon, nos apresenta uma discussão densa sobre a sua inserção nas Ciências Sociais, os caminhos de formação durante a pós-graduação, a iniciação às atividades de pesquisa bem como a defesa de seu rigor metodológico, suas orientações teóricas e seus desdobramentos necessários com a prática científica, bem como uma discussão sobre a própria concepção de Ciências Sociais e seu lugar no Brasil, sempre tendo como referência a tradição sociológica de inspiração francesa a partir de Pierre Bourdieu.

Entrevistador: *Primeiramente, gostaria de agradecer o aceite do convite. A ideia é que seja uma conversa, muito mais do que uma entrevista formal. Sendo assim, queria começar sabendo como foi sua entrada nas Ciências Sociais, a própria escolha do curso, se foi uma entrada logo após o ensino médio. Enfim, você sabia o que era Ciências Sociais?*

Rodrigo da Rosa Bordignon: Essa questão envolve um momento inicial de racionalização. Então eu vou tentar esboçar o que seriam, em linhas gerais, questões que tem a ver com a entrada e a relação com a universidade. Eu fiz o meu percurso todo em uma escola pública da periferia da região metropolitana de Porto Alegre. Com todos os problemas que todas as escolas públicas sempre tiveram. Em muitas ocasiões se jogava mais bola do que se tinha aula. Tentando pensar o que seria um momento inicial motivador, procurando dar um sentido, acredito que tenha relação com os meus pais, que tinham uma preocupação sobre o destino profissional. Então, eu fiz até a oitava série nessa escola pública e, no estado do Rio Grande do Sul, tinha um programa de bolsa de estudos para estudantes de um determinado perfil social, voltado para a formação de professores, em escolas privadas. Esse programa oferecia bolsas integrais para a formação de professores em séries iniciais, igual os cursos de magistério, ou o curso normal. Eu consegui uma dessas vagas, por conta do perfil específico que elas pediam, e fui estudar em uma instituição privada, com bolsa integral, financiado pelo estado. É óbvio que, do percurso escolar anterior à entrada em uma instituição onde eu

já não jogava mais bola e tinha que ter aula, ocorreu uma divisão muito grande de percepção da relação com a escola. Foi um primeiro ano que eu não fazia a mínima ideia do que estava fazendo lá, não conseguia entender o sistema e não conseguia acompanhar direito. Assim, lentamente comecei a descobrir algumas coisas. Foi em um momento, no final do primeiro ano, que eu comecei a me integrar com as pessoas que faziam esse curso de magistério, que eram bastante voltadas para atividade de alfabetização de adultos. No segundo ano, eu já estava mais antenado nas coisas e continuei o curso. Foi quando eu tive um professor de filosofia e sociologia muito bom. Era um excelente professor e incentivava muito a leitura de coisas que nós, obviamente, não compreendíamos. Líamos filosofia, mesmo que fosse aquela “Coleção Os Pensadores”³, mas eram os originais, os clássicos. Então eu comecei a gostar dessa área. Além disso, eu tinha uma relação entre atuar nesses projetos de alfabetização e, como todo jovem, querer salvar o mundo. Então eu fiz o curso normal, o estágio, dei aula no ensino fundamental, nas séries iniciais, mas eu não fui direto para a universidade. Logo depois que eu terminei essa formação, nessa mesma escola, surgiu uma vaga de emprego. Na minha carteira de trabalho estava escrito auxiliar de audiovisuais, mas era um negócio meio faz tudo. Então eu comecei a trabalhar nessa escola e pensar em uma possibilidade de fazer ensino superior, mas só uma possibilidade. No segundo ano que eu estava trabalhando, botei na cabeça que queria fazer ensino superior, comecei a estudar para o vestibular e pensar nos cursos que eu gostaria de fazer. Na época, tinha três opções: filosofia, história e ciências sociais. Fui olhar o currículo dos cursos e tanto na filosofia quanto na história eu tinha um problema concreto, sendo claro e objetivo, eu odeio pré-história, gosto de história moderna, e não gosto de filosofia antiga. Escolhi ciências sociais e entrei no curso noturno na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Eu ainda trabalhava na escola, durante o dia em Gravataí, e fazia ciências sociais à noite, no campus do vale em Porto Alegre. Era um deslocamento temporalmente inviável, porque saía do trabalho às 17:30h e tinha que estar na UFRGS às 18:30h, e isso era impossível. Nunca conseguia chegar no horário, posteriormente, essas coisas foram se ajeitando, mas o início da entrada foi assim.

³ Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

Entrevistador: *Pegando o gancho do professor no ensino médio, durante essas aulas, isso te proporcionou um primeiro contato com a sociologia?*

Rodrigo da Rosa Bordignon: Isso, mesmo que não fosse usual, porque ele dava bibliografia original. Não era um livro didático. Eu me lembro que estava no terceiro ano do ensino médio e fiz uma apresentação sobre o direito de natureza do Locke. Isso tinha um custo de leitura, que obviamente teve um efeito posterior, no sentido de perceber a importância da leitura bibliográfica no original. Não adianta ler apenas o “10 lições”⁴ sobre algum autor, pode ser importante, mas tem que ler o original também. Isso meio que abriu as possibilidades, principalmente de entender o curso de ciências sociais. Porque é um curso que você entra e no primeiro semestre tem que ler “A Mercadoria”⁵ do Marx. E você fica pensando: o que é esse negócio? Mas tem que ler, às vezes uma, duas, três, quatro para começar a entender mais ou menos. Não vou nem dizer que compreende completamente. Então, você começa a entender como é que funciona o tema, o raciocínio, quais são as exigências disciplinares, e o ponto de partida disso é a formação escolar.

Entrevistado: *Nesse sentido, essa passagem pelo ensino médio privado, foi fundamental para uma entrada um pouco mais ambientada no curso de sociais? Se você tivesse saído da escola pública e entrado nas sociais, com toda essa carga de leitura, teria sido mais difícil?*

Rodrigo da Rosa Bordignon: É que o curso de magistério que eu fiz, era um curso voltado para dar aula de ensino fundamental, séries iniciais. Então a formação básica era a seguinte: no primeiro ano era a formação de ensino médio, igual a qualquer outra; no segundo e terceiro do magistério era basicamente didática. Então não tinha formação escolar, no sentido da mesma formação que um estudante faz para entrar na universidade. Então, me ajudou um pouco na decisão de ingressar e não necessariamente na formação. Porque os primeiros anos do ensino superior foram bem complicados, como é para muitos estudantes que entraram nas ciências sociais,

⁴ Coleção 10 Lições. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

⁵ MARX, Karl. A mercadoria. In: MARX, Karl. O Capital: Crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2013.

tomando aquele choque inicial. Eu tive aula com o Prof. Abílio⁶ e era muito engraçado, porque no plano de “Introdução à Política” tinha os livros inteiros, não tinham as páginas e não adiantava perguntar qual parte que deveria ser lida. Então, eu mesmo demorei muito tempo para engrenar, entender a mecânica, para saber como me colocar naquele espaço. Algumas disciplinas foram menos pesadas, também por conta de perfis docentes, mas elas, em muitos momentos, tornaram-se mais difíceis. Então eu tinha o trabalho e o curso à noite e a universidade à noite não é feita para estudante, nada funciona. Era assim e continua sendo assim. Foi um processo ao longo do curso, que tropecei em várias coisas. Não foi um percurso lindo, maravilhoso, linear, onde todas as coisas são estrelinhas na testa, às vezes foi sofrer para passar na média.

Entrevistador: *Então essa introdução teórica nas ciências sociais foi um pouco penosa?*

Rodrigo da Rosa Bordignon: Eu acho que é para todo mundo, em parte obviamente, variando em proximidades e distanciamento com a universidade e a escola. Mas acho que é sempre um choque quando você se confronta com a bibliografia, quando a linguagem e o modo de construção dos problemas se diferencia - e deve se diferenciar, tem que se diferenciar - mas a gente demora para pegar esses processos. Os estudante tem que saber que todo mundo passa trabalho, não existe chegar por um golpe de genialidade, não é assim.

Entrevistador: *Nesses anos iniciais da graduação, como era a sua dinâmica? Conseguiu se inserir em algum grupo ou atividade fora da sala de aula?*

Rodrigo da Rosa Bordignon: Não, eu ia assistir a aula e só. Chegava, normalmente, atrasado, assistia a aula e ia embora. Foi assim por seis, sete, até oito semestres. Sendo muito sincero, eu não sabia muito bem como funcionava a universidade, se tinha grupo, o que as pessoas faziam, se tinha pesquisa. Em algum momento, pelo sexto ou sétimo semestre, eu comecei a me interessar por alguns temas, inicialmente por um gosto pela Escola de Frankfurt, então eu lia um pouco mais. Fui transitando e comecei a gostar de Michel Foucault. Nessa época, me interessei também

⁶ Professor Doutor Abílio Afonso Baeta Neves, UFRGS.

sobre educação, de modo muito geral. Porque eu também trabalhava na escola, mesmo não sendo professor, mas tinha essa influência da formação prévia para dar aula. Isso tudo foi meio errático, até que por um erro, porque foi efetivamente um erro, em um determinado período no curso da UFRGS, tinha que escolher a formação do “Seminário de Pesquisa” em uma das três áreas. Eu queria sociologia, só que não fechava nos meus horários, então eu não conseguia fazer, mas tinha que fazer algum seminário. Então o que eu consegui foi na ciência política. Lembro muito claramente quando cheguei na aula e estava lá o Coradini⁷, com todas as questões que envolvem seu trato social e didático. Primeiramente, tive uma postura mais fechada, aquela má vontade de alguém que não entendia muito bem o que o professor estava falando, por vários motivos, inclusive sociológicos. Só que dentro das transições que eu estava fazendo, comecei a sair de Foucault e ir para o Bourdieu. Tinha começado a ler “A Reprodução”⁸ e de fato eu meio que pirei na leitura e comecei a fazer uma síntese do gráfico que está no início da obra. E, em um dado momento da aula, eu comecei a perceber que aquilo que ele estava falando fazia algum sentido. Então comecei a sentar mais perto, para conseguir entender o que ele dizia, e, de fato, entendi que um pouco daquilo que eu estava lendo por interesse individual, tinha alguma ressonância no que o Coradini estava falando. Comecei a me interessar mais pela aula, mas o Coradini é uma pessoa um tanto inacessível, então eu fiz o primeiro semestre dessa disciplina e me matriculei na disciplina seguinte com ele também. Nesse segundo semestre, fui tentando mais contato, mas ainda um pouco difícil. Era engraçado, porque ele saía para ir embora, e eu ia atrás dele caminhando, eu ia falando, ele indo embora e respondendo, até o carro. Eu estava interessado no tema, e era o cara que achei que fazia alguma conexão com o que estava interessado. Aí eu tenho que atribuir todos os créditos ao Coradini, por mais que seja uma relação pessoal complicada, ele é uma pessoa extremamente séria, honesta e profissional. Eu devo a ele, em grande medida, o incentivo para realizar a pós-graduação. Nessa disciplina, ainda da graduação, fiz um trabalho final e ele disse que quem tivesse interesse poderia discutir o texto em uma reunião individual. Nessa reunião, ele me disse: “Por que tu não faz mestrado?”. Sendo muito sincero, eu nunca tinha pensado em fazer mestrado, só queria terminar o curso, mas comecei a pensar e

⁷ Professor Doutor Odaci Luiz Coradini, UFRGS.

⁸ BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. A reprodução. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

fui pegando esse projeto, amadurecendo, tentando fazer alguma coisa. O Coradini também começou a me passar leituras, mas essas leituras que o Coradini passa são todas em francês e ninguém lê em francês na graduação, quer dizer, algumas pessoas leem. Então era usar o dicionário, o glossário de palavras e tentar entender mais ou menos o que os textos falavam e, assim, mantive o contato com o Coradini dali em diante. Uma coisa que eu acho importante pontuar, o Coradini sempre foi uma pessoa que incentivou amplamente a autonomia intelectual. “A pesquisa é tua, o trabalho é teu! Eu te oriento, tem que ter sentido, tem que ser sociologicamente sustentável. Agora é tu quem faz.” Na minha primeira reunião com ele, a primeira vez que eu consegui uma dispensa no trabalho para ir em uma tarde na UFRGS, eu tinha mandado um trabalho para ele ler e fui conversar. Lembro até hoje, comecei a conversa meio perdido e disse que não tinha muita certeza do que eu estava fazendo, ele me interrompeu e disse: “se tu não sabe o que tu tá fazendo é melhor tu voltar pra casa, pensar melhor e depois conversar de novo”. Foi um choque! Então fui para casa para pensar melhor e depois voltei de novo. Então foi um pouco isso, um final de curso, meio aos trancos e barrancos, fiz o estágio supervisionado, me formei na licenciatura, prestei mestrado e entrei.

Entrevistador: - *Com o projeto de mestrado já mirando o Coradini como orientador?*

Rodrigo da Rosa Bordignon: Sim, o projeto se transformou de um interesse difuso em educação para um interesse sobre bases sociais do recrutamento político, que foi a dissertação de mestrado. Só que ao mesmo tempo que eu estava fazendo isso, estava interessado também na história da sociologia. Durante o primeiro ano de mestrado eu fiz o meu TCC para defender o bacharelado, então esse trabalho foi na linha de história da sociologia. Todos os trabalhos com orientação do Coradini. Já o do mestrado, sobre as bases sociais, foi muito focado na discussão do Bourdieu no famoso texto do campo político, que está no “Poder Simbólico”⁹, mas também muito orientado pela leitura da “A Distinção”¹⁰. E foi uma tentativa de uma transição daquela lógica, mais

⁹ BOURDIEU, Pierre. Representação política: elementos para uma teoria do campo político. In: O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

¹⁰ BOURDIEU, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2006.

tradicional desses trabalhos, que faz o Gaxie¹¹, de que se você tem os determinantes sociais de relação com a cultura, com a cultura dominante, com seus diferentes modos de apropriação, você também tem os determinantes sociais de relação com a política enquanto universo social instituído. Então esse era o problema geral de pesquisa.

Entrevistador: *Então o contato com a pesquisa empírica foi apenas no mestrado, simultaneamente com o TCC do bacharelado, antes disso você não teve contato?*

Rodrigo da Rosa Bordignon: Antes disso não, nunca tinha feito nada. Tinha exercícios de pesquisa ao longo da formação, mas eram coisas de disciplina. Mas de realizar o trabalho todo, nunca tinha tido contato antes do mestrado. O trabalho empírico do mestrado e o do TCC, eu me voltei para temas que eram diferentes, mas o pano de fundo de análise era o mesmo.

Entrevistador: *Nessa entrada na pós-graduação, mestrado e doutorado, junto com a própria orientação do Coradini, você sabia melhor o que estava fazendo? Ou pelo menos tinha uma maior noção da linha que estava seguindo, do aprofundamento teórico que estava realizando?*

Rodrigo da Rosa Bordignon: A gente vai, aos poucos, descobrindo o que está fazendo. O Coradini dizia que se você não sabe o que fazer na pesquisa, tem que ler mais. Uma frase que é muito válida e concreta. Tenho percebido que o processo progressivo de especialização, não vou dizer disciplinar, mas temática, atualmente, tem levado as pessoas a achar que o contorno da leitura teórico-metodológica é o tema, mas o contorno da leitura não é o tema. O tema empírico não se confunde com a formulação do problema de pesquisa, porque a formulação do problema de pesquisa é teórico-metodológica. Não é possível sustentar um tema muito específico, sem que se tenha como hipótese o que esse tema revela sobre o mundo social. É bastante problemática a ideia que os temas revelam coisas sobre si mesmos. Existe as ciências sociais, ou as ciências do mundo social, e, se elas se pretendem como ciências com um lastro empírico, elas vão se debruçar sobre determinados temas empíricos. No entanto, o tema empírico revela algo sobre a sociedade, sobre os modos de estruturação, de

¹¹ Professor Doutor Daniel Gaxie, Universidade de Paris I Panthéon-Sorbonne.

hierarquização social, sobre as desigualdades, não é algo sobre si mesmo. A formação do mestrado em diante, principalmente, ajudou muito nesse duplo processo. Primeiro, no entendimento que o trabalho empírico é isso que a gente faz, que você fez, que a gente tentou fazer juntos, discutindo; que é aos trancos e barrancos, que a gente vai aprendendo na prática, vai sofrendo e vai dando errado, muitas vezes tem que voltar e você vai aprendendo. Só que, ao mesmo tempo, não se pode achar que isso vai resolver tudo, sem que se leia os fundamentos básicos das pesquisas que se está fazendo. De novo o meu débito com o Coradini, com toda a formação que ele me ofereceu enquanto orientador, porque ele nunca te deixava ler só um recorte, do tipo: vou ler o Bourdieu, então vou ler só o “Razões Práticas”¹². Não! Porque tem que ler todos os outros livros, vai ler as pessoas que trabalharam com o Bourdieu em diferentes linhas, vai ler as pesquisas aqui no Brasil, em outros lugares, pessoas que têm interfaces possíveis com os trabalhos, sejam elas muito diretas ou mais laterais. Essa ampliação do leque é que fez uma diferença enorme em termos de formação, porque a impressão que se tinha, era que de fato se estava acompanhando o debate que vinha sendo feito. Não era só um único textinho. Tinha que ler e discutir várias vezes o capítulo dos poderes e sua reprodução do “Noblesse d’État”¹³. Essa formação foi extremamente importante do ponto de vista da afirmação de uma matriz de análise, de um modo como se compreende determinados problemas de pesquisa, como se formulam os problemas de pesquisa e como se define essa relação dos problemas de pesquisa com o lastro empírico. Eu tenho que dizer uma coisa que é fundamental, ela é posterior, mas tem que ser pensada. Como não tenho um esforço contínuo de especialização temática, essa não especialização temática, ela, às vezes, produz problemas de inserção. Porque todo mundo quer saber qual o tema você está pesquisando e, mesmo Bourdieu, virou um tema dentro da divisão do trabalho acadêmico voltado para teoria. Então tem um pessoal que discute Bourdieu enquanto teoria, só que se você não está desse lado, também não se encaixa nesse tema, aí você fica em um limbo, até decidir mais ou menos o que se vai fazer. Essa é a verdade concreta.

¹² BOURDIEU, Pierre. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996.

¹³ BOURDIEU, Pierre. La noblesse d’État: grandes écoles et esprit de corps. Paris: Éditions de Minuit, 1989.

Entrevistador: *Nesse sentido, essa própria concepção das ciências sociais de se fazer uma divisão por temas, mesmo que se fale de “estudos de elites”, para ser mais compreensível. Você acredita que isso é como as ciências sociais são pensadas no Brasil, ou tem a ver de como as ciências sociais são pensadas hoje, no mundo?*

Rodrigo da Rosa Bordignon: Eu acredito que não é nossa, que é um movimento geral, só não sei o quão geral. Assim, acredito que se tem um efeito, que é esse de especialização temática, e que por consequência esse efeito mais ou menos quebra uma possibilidade mais ampla de diálogo interno. Pode ser que te valha dos mesmo referências de análise, mas um discute elites empresariais e o outro discute determinantes culturais de acesso à universidade. Ou seja, mesmo que a matriz teórica seja a mesma, você fica meio bloqueado no debate, porque em algum momento a questão se circunscreve ao tema. É óbvio que o tema vai ter suas especificidades, mas se a gente fosse pegar o que acontecia no Centro de Sociologia Europeu (CSE¹⁴), o grupo que se formou em torno do Bourdieu. Existia uma matriz de análise onde o pessoal se dedicava às mais variadas questões temáticas. Vai estudar o boxe, a revista em quadrinhos, as grandes escolas, as elites empresariais, a nobreza, etc. Então isso não estava circunscrito a uma questão temática, pois se tinha uma matriz onde a preocupação era cobrir a mais variada continuidade de temas possíveis, ou de universos empíricos possíveis. Em uma esperança que essa variedade de trabalhos tivessem, entre si, uma comunicabilidade que tornasse o mundo social progressivamente mais inteligível, justamente pelo cruzamento desses trabalhos que se debruçaram sobre diferentes temas empíricos. Eu não sei em que ponto saiu disso e foi para um outro momento, me parece que hoje se circunscreveu excessivamente às questões temáticas, isso dificulta o trabalho e eu acredito que não é só aqui. Talvez um movimento geracional, que afeta também a França em muitos sentidos, que tem um pouco a ver com essa lógica de colocar nomes duplos na sociologia, adicionando o tema. Eu acho que não faz muito sentido. Você pode, obviamente, através da sociologia, estudar um universo “digital”, agora isso não conforma uma sociologia digital, pois é a sociologia estudando determinado tema.

¹⁴ Centre de sociologie européenne (CSE), criado por Raymond Aron e tinha Pierre Bourdieu como assistente.

(Retomando a trajetória acadêmica)

Mas retomando, fiz o mestrado, fiz o doutorado e no doutorado eu mudei de tema, abandonei os determinantes, as condições sociais de acesso à política e eu queria voltar para a história das ciências sociais, de modo geral, que foi o que eu trabalhei nos dois primeiros anos, até a qualificação. Depois eu mudei um pouco o trabalho, em função de tentar responder questões prévias ao universo que eu gostaria de analisar posteriormente. Só que no final mudou muito, um pouco por influência da leitura que eu fui fazendo no doutorado, do “Elites de la République”¹⁵ do Charle, que gostei e comecei a ler todos os livros dele. Assim, li todos os livros que tinham a ver com a temática. E nós fomos produto de um momento, por enquanto, único na história da expansão do ensino brasileiro. Além de ter bolsa para todo mundo, tinha bolsa para ir para o exterior. Era um momento muito diferente do momento que estamos agora, que as bolsas são escassas, que bolsa sanduíche tem que ser dívida. Então procurei o Christophe Charle na internet e mandei email para ele, que me respondeu. Eu não tinha falado nada para o Coradini ainda, porque nessa perspectiva de autonomia que ele sempre deu, ele nunca foi alguém que se colocou como uma pessoa que iria fazer essa mediação. Quando o Charle me respondeu dizendo que me aceitava, eu fui fazer os trâmites burocráticos, as cartas, que tinha que fazer e fui para a França. Foi um choque inicial, obviamente, porque tudo é muito lindo e maravilhoso. Mas ao mesmo tempo, acho que a gente já conversou sobre isso até, foi uma grata surpresa o fato que a formação que nós tivemos na UFRGS, com o Fabiano¹⁶, com o Coradini, com todo aquele pessoal que estava em volta, nos deu um acesso à bibliografia que de fato dava a impressão que nós não estávamos fora do que eles estavam conversando lá. Mais ou menos sabíamos que estava rolando.

Entrevistador: *Nesse sentido o choque inicial não foi tanto acadêmico, foi mais pela experiência de estar fora do Brasil?*

Rodrigo da Rosa Bordignon: Sim, esse primeiro choque foi tenso, mas foi mais pessoal do que acadêmico. E também o choque com uma coisa que todos nós nos chocamos, o acesso. Você chega lá na biblioteca e o acesso à bibliografia é um negócio

¹⁵ CHARLE, Christophe. Les Élités de la République, 1880-1900. Paris: Fayard, 1987.

¹⁶ Professor Doutor Fabiano Engelmann, UFRGS.

monstruoso, a gente não tinha ideia que teríamos acesso tão aberto e tão amplo à bibliografia, inclusive sobre o Brasil. Isso foi uma grata surpresa, um pouco de choque, mas quando eu fui fazer as disciplinas e frequentar as aulas, me parecia que eu conseguia entender o que estava rolando, a gente conseguia situar o debate, sabia o que estava acontecendo. Então a formação na UFRGS, com esses professores, foi muito boa. Quando estava lá, na França, conheci o Héglio Trindade¹⁷, que de fato eu não conhecia. Ele nunca tinha me dado aula, até porque ele estava ocupando outros cargos, ele não estava na Universidade. Acabei conhecendo ele lá, porque coincidentemente, foi o Charle que o recebeu. Nós íamos para a aula do Charle, toda terça feira, depois de sair almoçávamos juntos e ficávamos conversando no almoço. Tinha também os seminários do grupo de pesquisa que aconteciam na escola normal superior. Depois eu entrei nos seminários do Michel Offerlé¹⁸, que eram seminários maravilhosos, no sábado o dia inteiro, mas tinha uma coisa que eu nunca tinha visto. Eu me lembro da primeira vez que eu fui, que estava o Remi Lefebvre¹⁹, o Offerlé fez uma apresentação elogiosa e tinha uma pilha de livros. Eu pensei, realmente é uma grande figura das ciências sociais, da ciência política francesa, mas quando os alunos começam a discutir o trabalho, foi um nível de debate que a gente não vê aqui. O debate foi em um nível de argumentação e contra argumentação, de respostas, de assumir erros, que eu nunca tinha visto. De fato foi uma coisa muito estranha, porque não teve carteirada, que é uma coisa que a gente via por aqui em alguns eventos, um figurão sendo questionado por alguém e ficar sem responder. E foi assim com todos, então isso foi muito diferente e eu vim de lá com uma impressão muito boa desse sistema.

Entrevistador: *Você considera que essa dinâmica seria essencial para o desenvolvimento das ciências sociais? Um debate franco e aberto?*

Rodrigo da Rosa Bordignon: Eu acho que é indispensável essa postura profissional que eles têm, essa postura que diferencia o espaço do debate do espaço do lazer, ou seja, quando se está nos seminários de pesquisa é para se realizar o debate,

¹⁷ Professor Doutor Héglio Henrique Casses Trindade, UFRGS.

¹⁸ Professor Doutor Michel Offerlé, Université de Paris I Panthéon-Sorbonne e École Normale Supérieure de Paris

¹⁹ Professor Doutor Rémi Lefebvre, Université de Lille.

não é para elogiar e dar tapinha nas costas. O pessoal se bate lá e sai todo mundo para tomar vinho e almoçar junto e volta para sessão da tarde para continuar se batendo.

Entrevistador: *E isso alunos de mestrado e doutorado, debatendo com grandes nomes.*

Rodrigo da Rosa Bordignon: Nesse debate com o Lefebvre foi um estudante que estava no mestrado e ele fez uma arguição muito boa. Muito impressionante do ponto de vista acadêmico, da seriedade acadêmica. Eu disse esses dias para os meus alunos, não tem como a gente avançar no debate sem que a gente consiga sentar e fazer um debate franco nesse sentido. Não é o debate grosseiro, de ataque, é o debate no sentido sociológico mesmo. É óbvio que tem modos e modos de se dizer as coisas, mas a gente tem que saber que ninguém, e cabe muito bem para os estudantes, ninguém está com tudo acabado nesse processo. Nós estamos aí, ainda tropeçando em vários problemas que a gente não consegue resolver, como os estudantes.

Entrevistador: *A partir disso me vieram duas questões, mas, primeiramente, para fechar a questão da França, o quanto as orientações diretas, ou mesmo o contato com esses professores que você teve, foi significativo para o seu trabalho? Isso diferenciou um pouco as coisas que o Coradini já tinha te passado, ou foi uma continuidade?*

Rodrigo da Rosa Bordignon: A minha estratégia foi conversar com o maior número de pessoas possíveis e debater o trabalho. Em certa medida, em termos de orientação teórico-metodológica, eu permaneci no mesmo lugar, não de formação, mas na mesma orientação que eu estava. Entretanto, questionamentos foram feitos que me colocaram menos seguro com algumas coisas que eu tomava como respostas prontas aos problemas ou as questões sobre as ciências sociais no Brasil. Eu tive uma conversa com a Gisele Sapiro²⁰, uma conversa difícil, porque ela é dura no debate acadêmico, mas foi excelente no apontamento de problemas, colocando questões de forma muito direta. Essas conversas foram fundamentais nessa tirada do centro, questionar, não é exatamente isso?! O Charle, foi uma pessoa extremamente generosa e extremamente atenta com as suas orientações. Tiveram outras pessoas que me acolheram, que me

²⁰ Professora Doutora Gisèle Sapiro, diretora de pesquisa no Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS) e diretora de estudos no Centro Europeu de Sociologia e Ciência Política - EHESS.

ouviram, o Afrânio Garcia²¹, a Saint-Martin²², o Julian Duval²³, todas pessoas extremamente atentas e abertas ao diálogo. O próprio Michel Offerlé que me aceitou no seminário dele e que consegui conversar também. Essas pessoas foram importantes, não vou dizer para sair da orientação, mas para te trazer um outro olhar, te apontar mais problemas nas questões que você está se colocando. Obviamente que eu mantive, em alguma medida na tese, uma orientação muito descrente nas ciências sociais, muito fundada em atribuir um peso significativo na lógica explicativa que o famoso capital de relações sociais seria estruturante de tudo e em todos os universos, de modo quase invariável. Que nós tínhamos uma sobreposição também irremediável de esferas de ação, uma não diferenciação, uma imbricação total de universos onde nada era dividido de nenhum modo. Eu mantive um pouco dessa visão no final do doutorado, mas já estava menos seguro dela, sendo muito sincero. Porque se a gente for olhar os trabalhos do Bourdieu e da equipe, para que eles colocassem essa questão, a noção relacional funcionava como um princípio de reflexão sobre a realidade social. Então para analisar em que medida as bases sociais e as dinâmicas constitutivas dos padrões de ação e disposição e representações, que justificam essas formas de ação se diferenciam, só poderia ser feito se a gente de fato tomasse como premissa a perspectiva relacional. Só que a gente não tinha nada que desse uma ideia de relação. Então você pegava um cara, um empresário que está na política, você não pode afinar a partir disso que esses espaços são totalmente imbricados, porque se tem um problema inicial de recorte, você pegou o cara que tá na política e analisa ele, mas não se fala sobre o universo, então não se pode fazer uma dedução que não existe o universo a partir desse caso específico. Outro exemplo, se você pega sociólogos que estão no jornalismo, não dá para dizer que todos os sociólogos estão no jornalismo, não é isso. Então nós temos mediações nesse processo, temos os famosos efeitos de refração, as disputas não são exatamente as mesmas em todos os universos sociais. Não se joga exatamente com as mesmas armas em todos os universos sociais... Se não se joga, então algum processo de diferenciação existe, alguma coisa tem que ter. Foi um pouco nisso que eu dei uma pisada no freio e me tornei, como fui classificado algumas vezes, como um bourdiniano ortodoxo. Então

²¹ Professor Doutor Afrânio Raul Garcia Júnior, Maître de Conférences na EHESS.

²² Professora Doutora Monique de Saint-Martin, Directrice d'études na EHESS.

²³ Professor Doutor Julian Duval, Directeur de recherche no CNRS

a passagem pela França teve esse efeito, de colocar problemas em coisas que para nós estavam muito pacíficas.

Entrevistador: *Agora, passando esse período de retorno ao Brasil, finalização do doutorado e inserção como professor na Universidade, como você vê a sua atuação nas pesquisas hoje?*

Rodrigo da Rosa Bordignon: Tem esse momento de voltar, defender a tese e tem que ter emprego. Eu fiz vários concursos, em ambas as áreas, tanto na política, quanto na sociologia, o concurso que aparecia eu fazia. Eu acabei me distanciando, pela própria formação e interesses de pesquisa, da ciência política, embora eu tenha formalmente um diploma de doutor em ciência política, me afastei quase que completamente, nem trabalho com temas próximos. Então passei aqui na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e fui chamado, felizmente. O ingresso na docência foi relativamente tranquilo, porque eu fui um ano e meio professor substituto na UFRGS e já tinha dado aula, também para o ensino médio e fundamental. Então essas coisas não tiveram muito impacto, mas demorei um pouco para engrenar, no sentido de que agora que estou aqui na universidade eu tenho que firmar uma agenda. Eu demorei um pouco nesse processo. Em 2018 eu organizei um evento que teve um efeito nesse processo, pois vieram o Duval, o Lebaron²⁴, o Gustavo Sorá²⁵ e o Miceli²⁶, sobre Bourdieu. Esse evento teve um impacto na redefinição do horizonte, não de pesquisa, mas do que eu efetivamente estava interessado. Eu tinha interesse nas ciências sociais, depois em elites políticas intelectuais, no meio disso tudo, tem um questionamento sobre as condições sociais de possibilidade de acesso ao universo da cultura de um modo geral, bem como a universidade e as suas diferentes subdivisões. Uma questão da sociologia dos intelectuais e da cultura. Então comecei a investir nisso, acabei ministrando a disciplina de sociologia dos intelectuais e fui para essa linha, me engajei neste trabalho. Sempre há essa preocupação sobre as condições sociais das possibilidades, mas isso se virou para o universo da cultura. Isso também proporcionou um efeito progressivo de inserção no espaço acadêmico, nessa linha de sociologia dos intelectuais, sociologia das

²⁴ Professor Doutor Frédéric Lebaron, Ecole Normale Supérieure Paris-Saclay.

²⁵ Professor Doutor Gustavo Sorá, Universidad Nacional de Córdoba (CONICET).

²⁶ Professor Doutor Sérgio Miceli, USP.

ciências sociais, isso que se chama, genericamente, de história das ciências sociais no Brasil. Agora estou pensando distantemente em retomar a tese, porque é aquela coisa clássica, que você se faz e nunca mais quer ver na vida. Mas novos diálogos foram se estabelecendo, um pouco a ver com essa transição, com colegas que fui conhecendo no percurso, no meio do caminho, que a gente vai trabalhando junto, essas coisas são benéficas no ponto de vista da universidade.

Entrevistador: *Em todos os seus trabalhos, existe a presença marcante de Bourdieu e seus demais autores correlatos. Dentro desse contexto próprio das ciências sociais do Brasil, como você percebe essa lógica de importação e seus usos aqui?*

Rodrigo da Rosa Bordignon: Vou pegar uma frase do Coradini, mesmo me fazendo ser contraditório, mas ele sempre disse que a melhor apropriação do Bourdieu é aquela que cita menos. É aquela que faz o esquema funcionar, em termos de raciocínio, em termos de construção, mas não necessariamente se está o tempo todo citando o cara. Claro que isso na atual conjuntura de produção acadêmica é um problema, porque é necessário fazer o básico, então para situar a questão é necessário citar obrigatoriamente, o primeiro ponto é esse. O segundo ponto, tem muito a ver com uma parte muito séria de um uso instrumental, ligado ao famoso problema das ciências sociais de modo geral. Nas ciências sociais, se você não estiver previamente orientado pela construção de um problema de análise, tudo o que você procura, você acha. Então se pegar o Bourdieu, o conceito de campo e colocar campo na pesquisa, você vai achar o campo. Mas vai tomar como pressuposto que uma coisa específica, que um lugar específico, funciona como um campo, sem testar anteriormente se existe. Nessa lógica, tem também um outro problema, com relação com o sistema tal como ele funciona hoje, nessas lógicas de exigências de citação, um parecerista de uma revista vai te tensionar a citar, correndo o risco de ser acusado de não definir um conceito. A questão é que, às vezes, não era para definir, era para ser assim mesmo. Outra questão é do habitus, pois se tem uma pulverização de trabalhos que se pergunta para a pessoa algumas questões, a pessoa responde e a conclusão é que o habitus é aquilo que ela disse, mas não é assim. Isso causa um problema em termos de debate interno na área, e que nem sempre a gente está disposto de fato a entrar. Às vezes a gente se retira, o que é um erro, sendo muito sincero. Uma colega, recentemente, me disse uma coisa

que me fez mudar de ideia, “tu só reclama, mas tu não entra em nada”. É verdade! Então tem esse problema, dessa apropriação instrumental, de se estar trabalhando com os conceitos de campo e habitus, mas o esquema não opera ali dentro, não se tem nem o cuidado da construção do objeto, nem a formulação do problema, nem a escora analítica, teórica, nem o modo de pensar o problema. O conceito está, o autor citado também, mas a lógica não está ali. Ainda tem outro problema, que tem um pouco da influência dessa divisão do trabalho acadêmico, que é a separação entre teoria e empiria. Nessa lógica, todo mundo elege um autor, aí alguém elegeu o Bourdieu como o autor e a pessoa fica lá fazendo glossários dos textos do Bourdieu. Tem uma função didática, como algumas pessoas dizem, mas não sei se é uma boa função didática. Dentro de tudo isso, existe uma tradição que é clara na operação conceitual de fundo na utilização analítica do Bourdieu e ela está viva ainda. Por outro lado, existem hoje milhares de trabalhos bibliométricos, a dita cientometria, que mostram uma profusão imensa de citações. Existe um último trabalho dizendo que “A Distinção” é um dos trabalhos mais citados e que essa informação, supostamente, se contraporia a aquilo que textos anteriores, sobre a recepção do Bourdieu no Brasil, disseram, que a tradição advinda do “Regras da Arte”²⁷ era mais significativa. Eu não acho que isso seja uma contraposição, muito sinceramente. Acho que os dois textos respondem a coisas diferentes na realidade, eles estão focados em problemas diferentes, eles se valem de elementos diferentes para dizer alguma coisa sobre o Bourdieu no Brasil. O próprio tipo de inserção e o seu uso, e o tipo de inserção é o tipo de material utilizado para pensar isso. Estamos mais focados na história das ciências sociais ou na bibliometria? Essas citações aparecem de modo muito variado, às vezes como argumento de autoridade, e aquilo não tem um uso. Bourdieu é um autor bastante lido, às vezes é um autor que o debate construído é bastante difícil, porque não raro as críticas são feitas contra um espantalho. Então quando se lê um determinado texto, por exemplo o Boltanski²⁸, sociologia pragmática, que fez uma crítica ao Bourdieu. Ok, querer trabalhar nessa linha, nessa discussão, querer encaminhar pesquisas a partir dessa perspectiva, não tem nenhum problema. Mas ao menos temos que saber identificar que, essa crítica, é uma

²⁷ BOURDIEU, Pierre. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

²⁸ Professor Doutor Luc Boltanski, École des Hautes Études en Sciences Sociales.

crítica a um espantalho. Um aluno me perguntou uma vez, “então tu acha que o Boltanski leu errado Bourdieu?” Óbvio que não, ele leu muito melhor que todos nós, ele entende muito melhor que todos nós, agora se você for ser bourdieusiano tem que minimamente saber que existe um confronto pela inserção no espaço intelectual de produção acadêmica. É esse confronto que está presidindo o embate, não é essa noção de leitura correta, essa noção de leitura correta nem existe. Mas é essa posição frente a um determinado tipo de adversário que está presidindo o debate e a construção de uma determinada alternativa a interpretação vista como problemática. É óbvio que o Boltanski, o Lahire²⁹, todo esse pessoal entende muito mais Bourdieu do que nós, não adianta achar que não.

Entrevistador: *Essa perspectiva crítica que se tem feito ao Bourdieu, chegando a se falar que ele está ultrapassado. Ela não vem acompanhada com a não leitura do autor, ou seja, somente a crítica, mas sem ler o que se critica?*

Rodrigo da Rosa Bordignon: Isso é um problema que tem afetado de modo geral as ciências sociais. Tem uma questão de fundo que é a questão disciplinar: se as ciências sociais se pretendem enquanto disciplinas, se a sociologia, ciência política e antropologia, se pretendem enquanto disciplinas, elas fundamentalmente, ou basicamente, dependem da instituição de um regime disciplinar de conhecimento. Pode pegar o Foucault, que vai criticar isso, não interessa. Temos que instituir um determinado modo de olhar a realidade. Do contrário, seria a mesma coisa que dizer para quem faz física que cálculo não é importante. Ou seja, temos que ler! “Ah, mas não gosto”, não interessa, tem que ler. “Mas autor fulano de tal, descoberto sei lá em que país, disse a mesma coisa que o Marx e foi negligenciado pela história do pensamento sociológico”. Ok, mas existe um modo de fazer uma pesquisa sobre isso e mostrar e elencar quais foram os determinantes históricos e sociais que pesaram sobre o fato desse indivíduo ter sumido da história do pensamento sociológico, e outros indivíduos não. Agora, para chegar nessa fase tem que fazer pesquisa sobre isso. Não se pode supor que ele foi esquecido por tais motivos, tem que demonstrar, como em um momento histórico específico de confronto, entre perspectivas intelectuais, as diferentes formas

²⁹ Professor Doutor Bernard Lahire, École Normale Supérieure de Lyon.

de inserção fizeram com que alguns indivíduos fossem consagrados, no momento específico de suas lutas ou posteriormente, pela retomada histórica, e outros não. Não é achar um autor determinado para chamar de seu. Não é assim que funciona, ou não deveria ser assim. E essa questão que você falou da não leitura eu acho que é séria, do ponto de vista de diálogo, porque sem a leitura, não há possibilidade de diálogo. Como é que você vai conversar com alguém das ciências sociais que diz que nunca leu Bourdieu e nunca fez falta? Então, esse é um problema que vem se estruturado e tem a ver com essa questão de especialização temática, porque não raro vão aparecer trabalhos que acham que a escora das pesquisas serão aquelas pesquisas empíricas feitas anteriormente. Não! A escora teórica do trabalho é outra coisa, são os fundamentos que levam à construção de um determinado trabalho empírico. O que eu disse do espantalho, também pode servir de mim para outros. Se eu pego lá o “Meditações Pascalianas”³⁰ e digo que o Bourdieu critica o Habermas de tal e tal jeito. Então eu vou a partir disso criticar o Habermas? Só um pouquinho, eu não vou fazer a crítica ao Habermas a partir do embate que ele teve com Bourdieu em algum momento, eu não tenho nem como fazer isso, eu teria que ler o Habermas primeiro. O Bourdieu tem uma noção excelente no “Homo Academicus”³¹, que se chama “orçamento-tempo”, e nesse “orçamento-tempo” não dá para fazer isso. Você vai pegar todos os livros do Habermas e ler? É um monte de coisa para ler! Teria que compreender também a tradição na qual se insere, da Escola de Frankfurt, como ele se insere, com quem ele está brigando. A gente tem que ter o mínimo de honestidade intelectual

Entrevistador: *Nesse sentido, como você vê o próprio uso e a própria crítica, do Bourdieu, no que se chama de “debate acadêmico sobre elite” no Brasil?*

Rodrigo da Rosa Bordignon: Em um momento da entrevista, você disse que, às vezes, pela facilidade, eu digo que “estudo elite”. Todos nós nos posicionamos assim, né? A crítica fundamental que tenho a fazer é que a gente não estuda para dizer quem eles são. Nós estudamos relações de poder de dominação, que configuram determinadas realidades históricas e sociais, ou que estão na base de determinadas configurações e que nos mostram como essas relações de poder, de dominação e de

³⁰ BOURDIEU, Pierre. *Meditações Pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

³¹ BOURDIEU, Pierre. *Homo academicus*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

justificação desses processos, tem efeito na definição da hierarquização social. No modo, de como os indivíduos atribuem a outros determinadas funções, na mesma medida que ficam despossuídos dessas funções. Como se atribui sentido a uma liderança intelectual, como se atribui sentido a um político, ou empresário, qualquer tipo desses segmentos sociais? A questão é que o debate sobre elites têm uma clivagem interna, pode ser uma leitura equivocada, mas que tem a ver com a concepção de ciências sociais. Que são de dois modos: uma concepção enquanto conhecimento do mundo social e, vamos dizer, outro que seria as ciências sociais enquanto prática de intervenção no mundo social. Nesse segundo, tem uma preocupação em dizer quais são as boas, as más elites, quais são as elites mais ou menos adequadas, se elas são profissionais ou não. Essa preocupação, que eu já vi em vários momentos de debates acadêmicos, culmina no que estamos conversando aqui, que é a compreensão que o tema se responde pelo tema. Ou seja, se descreve deputados, para descrever deputados. Se descreve elites empresariais para descrever elites empresariais, se descreve pessoas que estão na universidade por elas mesmas, e você pode multiplicar muito esse tipo de processo. Mas se você ficou restrito a isso, então acabou a possibilidade de conversar, sendo que é sobre essas possibilidades de diálogo que venho falando antes, que tem a ver com a leitura. A única possibilidade de diálogo, assim, é se as variáveis que foram utilizadas para fazer isso, ou aquilo, são ou não adequadas. Mas aí também se transita entre uma apreensão manualesca sobre o que seriam variáveis adequadas. “Eu segui o manual”, então há uma compreensão de um processo concreto através do qual se constitui um determinado universo e onde aqueles indivíduos estão inseridos e como você deveria apreende-lós a partir desse processo. No fim, todos já vimos, pesquisas em que se descreve a trajetória para descrever a trajetória. Então, eu acredito que tenha duas coisas, primeiro na perspectiva de Bourdieu, a preocupação toda quando se estuda grupos dirigentes, para pegar a expressão consolidada, sobretudo na linha do Coradini e do grupo em torno dele, a preocupação é, sempre, os fundamentos da estrutura de poder e dominação, é isso que se está querendo saber. Como que o mundo social consagra determinados indivíduos a determinadas posições, porque é sempre um processo social. Os valores são produtos dessa realidade social que alçam indivíduos e eles, ao mesmo tempo, consagram os próprios valores que os colocam nessa posição, que é a famosa parte do “Noblesse d’Etat”. Então estamos

preocupados com isso, como que esses princípios de hierarquização operam. Ninguém está preocupado em saber se tal elite que ocupa a câmara de vereadores é progressista ou não. Isso é importante para o jornalismo, não é importante para as ciências sociais, porque não é isso que as ciências sociais fazem. Nesse ponto, só para retomar uma coisa que nós falamos, isso dificulta, por exemplo, aquele modo de diálogo que falei lá da França, porque demanda um debate aberto, sabendo que alguém dirá algo como: variáveis estritamente políticas não existem. Não é só porque fulano ocupa um cargo político, que irá existir uma variável política. Como se faz essa discussão, sem que ambos os lados estejam dispostos a abrir mão de alguma coisa, em função de uma construção progressiva de refinamento contínuo dos modos de interpretação da realidade social? Se a gente não está disposto a isso, então ocorre o que você falou: "Bourdieu está superado, Marx, Durkheim, Weber, etc... Então não vou mais ler!". Mas tem que ler. "Sou cientista político e nunca vou ler Marcel Mauss". Ok, mas é necessário ter consciência que você não vai entender alguns processos sociais, porque eles estão lá explicados pelo Marcel Mauss, mesmo ele não sendo cientista político, mas antropólogo.

***Entrevistador:** Nesse sentido, a ciência política é a área que mais se define como uma área fechada? Até por algumas modas temáticas, do abandono dos estudos de elites e o foco nas instituições, por exemplo. Não se tem uma marca muito mais forte do que deve ser lido e, inclusive, do que não deve ser lido?*

Rodrigo da Rosa Bordignon: Acredito que é uma área que se fecha muito sobre si mesma. A sociologia é mais aberta em geral, tanto do ponto de vista na questão de concursos, em que aceita uma abertura maior de diplomas, da mesma forma que, não necessariamente, a gente se fecha em um regime de leituras. Mas da mesma forma, eu estou dando sociologia da educação e botei Louis Althusser quando eu montei o programa, o que gerou uma reclamação. Entretanto, ele foi fundamental no debate, pegando de modo geral, entre sociedade e instituições escolares e sistema de ensino. Não se pode simplesmente ignorar a sua existência. Ele não só existiu, como uma parte do embate que vai se estruturar naquele momento, é definido pela posição anti ou a favor de Althusser. Eu me dou muito mal com teoria normativa, mas eu leio. Quando você for conversar, tem que saber mais ou menos o que se está falando, para entender

um pouco, situar o debate. Agora, não se pode fechar aqui em torno de algumas leituras e ignorar o resto. Por exemplo, o que está na moda é medir coisas, pois tudo agora é medir. Isso é difícil, porque pode se medir coisas que são totalmente aleatórias. Ou se chega a uma resposta que determinado autor é muito citado, mas se diz pouco sobre o que ele trabalha. Ou porque em algum momento da vida ele escreveu um manual e manuais são muito citados, aí os autores aparecem como muito citados, agora o que isso diz sobre o universo? Nada! Quer dizer, diz alguma coisa, mas a resposta não está na medida, está em outro lugar. Como na cientometria, onde as pesquisas estão calculando o índice H, ou os estudos sobre as revistas hierarquizadas. Ok, podemos fazer isso, mas se você for se inscrever nessa matriz analítica que nós estamos discutindo aqui, a primeira coisa que você tem que fazer é se questionar sobre o problema de hierarquização dessas revistas. Por que elas estão assim? O que fundamenta essa hierarquização? Porque dependendo do que fundamenta, isso impacta nessa resposta, então, no final a resposta sobre a hierarquia não está na própria hierarquia. Existem espaços de disputas onde essas coisas jogam e nós temos que entender esses espaços. Se for para se olhar isso sociologicamente, você precisa se perguntar como os índices foram construídos, em primeiro lugar. É obrigação profissional se questionar sobre essas coisas. Claro que não precisamos ser sociólogos o tempo todo. Temos que falar para fora às vezes, aí se abstrai, mas entendendo o jogo onde ele está sendo jogado. Sobre o debate na França, tem o momento de almoçar, tomar vinho e dar risada, e outro que é fazer a pesquisa dentro do seu rigor. Todos nós temos momentos em que a gente está jogando em outras esferas, administrativa, na política acadêmica, associativa, são outros espaços. Agora temos que ter a consciência plena que estes espaços que estamos jogando, fora da pesquisa, não podem enviesar o trabalho. No espaço da pesquisa o jogo é outro, pois ele nos obriga, profissionalmente, ou deveria nos obrigar, a questionar essas coisas. Se eu pegar os dados do Tribunal Superior Eleitoral para fazer estudo de recrutamento político, eu tenho que me questionar como se constroem esses dados. Porque, no final, as pesquisas determinam uma certa imagem sobre o social e somos responsáveis por esse processo. De como é que a gente produz o sentido da realidade social, dentro das ciências sociais. Temos que ter um certo cuidado em relação ao que a gente produz enquanto pesquisa e temos que separar os jogos que a gente joga. Como disse um amigo essa semana, “temos que escolher onde a gente gasta a pólvora”. Ou

seja, onde você se alia academicamente, porque uma aliança acadêmica supõem o mínimo de concordância com relação aos rumos de uma pesquisa em ciências sociais e, por outro lado, onde você se alia associativamente, politicamente, para disputar espaço dentro de instituições. Se essas coisas se misturam, aí nós temos aquilo que já discutimos, a imbricação desses jogos e espaços.

Entrevistador: *Última pergunta então, para encerrarmos. Como que essa vertente da sociologia das elites, da sociologia bourdieusiana pode contribuir para o estudo de elites? E quais seriam as suas perspectivas?*

Rodrigo da Rosa Bordignon: Acredito que os apontamentos de que os estudos de elites não têm mais para onde expandir decorrem de uma concepção diagnóstica dos estudos de elites. Como se os estudos de elites servissem para dar diagnósticos de governo, de quem está no governo e quem não está. Ou seja, se faz um diagnóstico de toda eleição, um mapa, uma atualização. Se a gente fizesse só isso, o que nos diferenciaria de um jornalismo bem feito? Porque esses gráficos aparecem nos principais jornais. Ou a gente se coloca como cientistas sociais enquanto alguém que serve para instrumentalizar o debate jornalístico? Também pode ser... Mas eu acho que não é esse o caminho, mesmo sabendo que isso está presente em alguns lugares, explicitamente ou implicitamente. Se a gente considera os estudos de elite como um diagnóstico, então basta produzir um mapa sobre os diferentes grupos sociais, e isso meio que se esgota em si mesmo. Farei um gancho nisso para falar sobre minhas perspectivas de pesquisa. Depois da tese, eu retomei o interesse sobre a história de ciências sociais, isso que se configura como tema empírico, ou objeto empírico: a universidade, docentes de ciências sociais e como esse universo se estrutura. Como eu fiz um primeiro esboço e mapeamento, toda vez que eu apresento os resultados, eu sempre começo com a mesma fala: eu não tenho intenção em dar um diagnóstico da área. As minhas preocupações não estão em diagnósticos, mas a preocupação toda é: como se estrutura esse espaço, em termos de valores, de hierarquias, de concepções, de modos de reprodução, de diversificação desse universo. Como é que esse espaço se configura e como as coisas se estruturam? Quais os jogos que estão sendo jogados, quais os valores atribuídos a diferentes atributos, como esses valores produzem hierarquias e estratificam esse espaço? Quais são os princípios, que fundamentam as carreiras de

excelência? Aquilo que é lido como grande referencial, os intelectuais que são reconhecidos. Ou seja, minhas perguntas estão nos fundamentos: o que fundamenta colocar o indivíduo nessa posição? Em nome do que se joga? Pegando o famoso livro do Coradini³². Na questão do espaço acadêmico, ocorreu um ingresso massivo de professores, mas isso muda a dinâmica hierárquica, isso muda os jogos? Como se estrutura esse universo dados determinadas transformações morfológicas do espaço de modo geral? Se as preocupações forem essas, o problema não se esgota, porque obviamente eu não tenho como responder todas essas questões que surgem sozinho, é impossível. Então eu vou pegar uma parte do problema, dado esse problema geral. Outro vai perceber que conceber a dinâmica das agências de fomento que é importante, outro vai pegar os livros premiados pela ANPOCS e o que eles representam, outro vai estudar uma revista posicionada e entender como ela representa a fatia de um embate, aí as possibilidades são múltiplas. Assim, o problema não se esgota. Quero estudar como determinados segmentos sociais se investem na política, mas fazer isso em função de que? Não podemos deduzir as coisas fazendo diagnóstico e estatística. É a mesma coisa que estudar a academia brasileira de letras, ela tem um público mais ou menos fixo ali, se a pesquisa for dizer quem são, então ela se esgota rapidamente, porque a proposta é descrever. Agora se você coloca outros problemas como: quais são as condições que se faz para entrar? Aí temos uma multiplicidade de embates e jogos que estão em pauta, que precisam ser destrinchados, virando um trabalho longo, não é curto. Tem acordos, alianças, tem embates, têm concepções em jogo, concepções hierárquicas de ingresso. Sobre as eleições, um partido vai chamar um influencer para ser deputado ou um grande empresário? Existe uma concepção de fundo sobre a conquista de reconhecimento eleitoral, sobre as armas que são importantes nesse jogo. Ou vai chamar os dois e o empresário vai financiar para que o influencer seja o porta voz. Tudo isso se expande para além do diagnóstico. Há uma emergência de pesquisas cujo foco é o mapeamento de áreas, de redes temáticas, de cientometria, isso não é nada mais que a lógica de se dar um diagnóstico sobre uma elite, mas nesse caso, de se fazer sobre o que as pessoas estão publicando. Eu não acho que isso seja o elemento a ser discutido. Alguém pode dizer que o Bourdieu no “Homo Academicus” usa índice de citação, mas ele usa em

³² Coradini, Odaci L. Em Nome de Quem? Recursos sociais no recrutamento de elites políticas. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

função de outro problema, não nele mesmo, ele usa em função de um dos elementos que são hierarquizantes em um espaço social específico e como isso conforma esse universo, essa é a questão! Não que não seja interessante, mas eles fornecem um elemento, que pode ser operante na compreensão do modo como se estrutura o universo, por exemplo, das ciências sociais no Brasil, mas eles não são a resposta.

***Entrevistador:** Assim, agradecemos a entrevista e torcemos para poder continuar o diálogo sobre essas questões em outro momento oportuno.*